

Reflexão sobre o estado da arte da revisão por pares

Ricardo Jorge Dinis-Oliveira^{1, 2, 3*}, Teresa Magalhães^{1, 2**}

¹INFACTS – Instituto de Investigação e Formação Avançada em Ciências e Tecnológica, Departamento de Ciências, Instituto Universitário de Ciências da Saúde (IUCS-CESPU), Gandra, Portugal.

²Departamento de Ciências da Saúde Pública e Forenses e Educação Médica, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

³UCIBIO-REQUIMTE, Laboratório de Toxicologia, Departamento de Ciências Biológicas, Faculdade de Farmácia, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

*Editor Chefe da RevSALUS ✉ ricardo.dinis@iucs.cespu.pt **✉ tmaga@med.up.pt

É com satisfação que apresentamos o 2º número da RevSALUS. Neste período de crescimento foram várias as submissões e manifestações de interesse e de felicitação a este novo projeto científico. O 2º número conta já com submissões provenientes de diferentes instituições de saúde da Lusofonia, abrangendo uma significativa diversidade de áreas científicas e várias tipologias artigos, nomeadamente um editorial, um destaque biográfico, uma imagem em ciências da saúde, dois artigos originais e dois de revisão, e um caso clínico. Esperamos num próximo volume alargar a tipologia a recensões críticas e artigos de opinião.

Neste editorial refletiremos criticamente sobre o estado da arte da revisão por pares, em colaboração com a Prof.ª Doutora Teresa Magalhães, com quem temos partilhado a reflexão científica e académica sobre esta temática.

A revisão científica pelos pares tem origem no século XVIII (Kronick 1990) e, como tal, apresenta já maturidade e reconhecimento enquanto ferramenta que pretende avaliar a robustez de um tema, a sua originalidade e o interesse para a comunidade científica, bem como a adequação e rigor da metodologia usada e, ainda, a pertinência das citações do artigo submetido. Deste modo, constituirá um mecanismo justo de tomada de decisão sobre um artigo submetido (Jefferson *et al.* 2002; Dinis-Oliveira and Magalhães 2016; Dinis-Oliveira 2017). É, no fundo, o método de que dispomos para ajudar a “separar o trigo do joio” ou a avaliar se o tema do artigo submetido, mesmo que de excelente qualidade, se adequa à área de uma concreta revista.

Todavia, ao longo da nossa experiência com a revisão por pares, cada vez se torna mais difícil definir este processo, pelo menos em termos operacionais, dado que, provavelmente, mais de 50% dos intervenientes têm diferentes visões sobre este tipo de procedimento.

Tal como referido por outros autores, a revisão por pares é como a poesia, a arte, o amor ou a justiça (Smith 2006), ou seja, apresenta um forte componente de subjetividade; talvez por isso, apesar da sua já longa história, a eficácia da revisão por pares é ainda motivo de controvérsia (Kassirer and Campion 1994; Baxt *et al.* 1998; Smith 2006). Para provar isto mesmo, num interessante artigo, Baxt *et al.* (Baxt *et al.* 1998), para avaliar o desempenho dos revisores, utilizaram um artigo com erros intencionais, tendo estes falhado na identificação de dois terços dos principais erros do artigo. Outros estudos semelhantes vão no mesmo sentido; o autor John Bohannon (Bohannon 2013), jornalista de ciência da Universidade de Harvard (EUA), enviou a sua “descoberta”, assinada por um cientista fictício que trabalhava numa universidade fictícia, para os editores de 304 revistas online

de acesso livre, especializadas em investigação médica e áreas afins; dessas, 157 aceitaram-no, deixando patente “contornos de Oeste Selvagem” emergente nas publicações científicas. O autor, que parodiou os resultados obtidos, referiu, ainda, que um “qualquer revisor com conhecimentos de química acima do ensino secundário e a capacidade de perceber um gráfico elementar deveria ter detetado imediatamente as falhas do artigo”.

À subjetividade individual, acima referida, acrescerão, pois, eventuais lacunas nas competências de diferentes editores ou revisores para a função que lhes é atribuída (Yaffe 2009; Kravitz *et al.* 2010). De facto, não raras vezes, haverá indigações para a função de revisor sem o devido escrutínio e, consequentemente, o que pode prejudicar a qualidade da revisão (Kassirer and Campion 1994; Baxt *et al.* 1998; Smith 2006). Efetivamente, uma grande parte das revistas, designadamente na área da Saúde, não tem critérios formais para escolher os seus revisores. Será, por isso, de extrema importância o desenvolvimento de ferramentas validadas que definam claramente os critérios de qualidade de uma boa revisão por pares na área da Saúde, tendo em vista a implementação de intervenções destinadas a melhorar o processo deste tipo de revisão.

Estas metodologias podem, inclusive, ajudar a caracterizar e definir o que é um “par” (i.e., o peer) e quem o pode ser legitimamente. Será alguém que faz o mesmo tipo de estudos? (e, portanto, alguém com eventual conflito de interesses), ou será alguém especialista nessa área específica do conhecimento ou antes um generalista? E o que é rever (i.e., review)? Será simplesmente referir que tudo lhe parece correto ou errado como se de um ato de fé de tratasse? Esta é a realidade que ocorrerá na maioria dos casos, mas não é necessariamente a desejável. Ou antes, será que rever é assumir um papel de avaliador de todos os detalhes, solicitando mais estudos, novas metodologias e novos testes estatísticos? Alguns, até pedem aos autores a consulta dos dados em bruto; esta última hipótese é já disponibilizada por algumas revistas, à semelhança do que acontece com agências reguladoras na aprovação de novos fármacos, mas a sua prática é verdadeiramente dispendiosa a todos os níveis.

O sistema clássico passa por enviar a dois revisores que o editor considera serem os adequados para o trabalho, esperando os seus pareceres. Havendo concordância nos pareceres, se positiva ou negativa, a publicação ou rejeição, respetivamente, são praticamente certas. Havendo discordância, então procura-se o desempate por um terceiro revisor. Mas, no fundo, muitos dos que submetem artigos para publicação, ficam com a perceção de que se trata de um

processo de quasi lotaria, pois existem reduzidas evidências sobre a eficácia da revisão por pares, mas existem grandes evidências sobre seus defeitos.

Partilhamos por último o sentimento desconfortável que corresponde a receber cartas de autores, descontentes com a rejeição do artigo, invocando não raras vezes que outras recentes publicações na revista apresentam, na opinião dos mesmos, uma inferior qualidade. Trata-se de um trabalho sempre ingrato mas, apesar de não garantir e assegurar completamente a veracidade do relatado, a revisão por pares tem sido fundamental para aumentar a qualidade da maioria dos artigos científicos e a transparência das decisões (Smith 1999; Jefferson *et al.* 2002; Dinis-Oliveira and Magalhães 2015) e provavelmente permanecerá central na ciência, pois alternativas tardam em aparecer.

Por último, e na qualidade de editor chefe e em representação de toda a equipa da *RevSALUS*, gostaria de agradecer penhoradamente aos revisores que emprestam o seu saber ao crescimento e qualidade científica deste projeto da RACS - Rede Académica das Ciências da Saúde da Lusofonia. É objetivo da *RevSALUS* oferecer aos seus revisores cursos de formação continua para os dotar de ferramentas para exercerem a sua função à semelhança do que é praticado por algumas das grandes publicações científicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baxt WG, Waeckerle JF, Berlin JA, Callahan ML. Who reviews the reviewers? Feasibility of using a fictitious manuscript to evaluate peer reviewer performance. *Ann Emerg Med.* 32:310-317, 1998.
- Bohannon J. 2013. Who's afraid of peer review? *Science.* 342:60-65.
- Dinis-Oliveira R, Magalhães T. 2016. Teaching and learning based on peer review: a realistic approach in forensic sciences. *F1000Res.* 5:1048, 2016.
- Dinis-Oliveira RJ. Aprender e ensinar toxicologia forense submetendo as aulas à revisão pelos pares - uma avaliação científica e pedagógica. *Revista Educação, Sociedade & Culturas.* 50-suppl:61-73, 2017.
- Dinis-Oliveira RJ, Magalhães T. The Inherent Drawbacks of the Pressure to Publish in Health Sciences: Good or Bad Science. *F1000Res.* 4:419, 2015.
- Jefferson T, Alderson P, Wager E, Davidoff F. Effects of editorial peer review: a systematic review. *Jama.* 287:2784-2786, 2015.
- Kassirer JP, Champion EW. Peer review. Crude and understudied, but indispensable. *Jama.* 272:96-97, 1994.
- Kravitz RL, Franks P, Feldman MD, Gerrity M, Byrne C, Tierney WM. Editorial peer reviewers' recommendations at a general medical journal: are they reliable and do editors care? *PLoS One.* 5:e10072, 2010.
- Kronick DA. Peer review in 18th-century scientific journalism. *Jama.* 263:1321-1322, 1990.
- Smith R. Opening up BMJ peer review: a beginning that should lead to complete transparency [Journal Article]. *British Medical Journal.* 318:4-5, 1999.
- Smith R. Peer review: a flawed process at the heart of science and journals. *J R Soc Med.* 99:178-182, 2006.
- Yaffe MB. Re-reviewing peer review. *Sci Signal.* 2:eg11, 2009.

